

ARTE



Sérgio Camargo em Nova York: depois das bienais, a exposição na importante Galeria Gimpel é um novo marco em carreira vitoriosa

Quando o carioca Sérgio Camargo, com dezoito anos, foi a Paris estudar filosofia na Sorbonne, em 1948, já não gostava de fazer bronzes figurativos como aprendera na Academia Altamira, de Buenos Aires. Por isso, durante as folgas da Universidade, preferiu freqüentar os estúdios de Brancusi, Jean Arp e outros escultores que trabalhavam o mármore e os metais em formas abstratas arredondadas ou angulosas. Assim também eram as esculturas de Camargo até 1961, ano em que trocou definitivamente o Rio por Paris. Por essa época ele começou a construir uns relevos eriçados em gesso e bronze — foi o ponto de partida para os famosos relevos em madeira (os primeiros datam de 1963) que seriam a “marca registrada” de sua escultura e lhe dariam um prestígio internacional. Esse prestígio, Camargo acaba de comprovar mais uma vez com o sucesso da recente exposição que fez na importante Galeria Gimpel, de Nova York. A superfície agressiva dos relevos contrasta com a calma do artista, sua voz pausa-

da, sua tranqüilidade. Aos 39 anos, ele recorda que descobriu o relêvo quando andava preocupado com os efeitos da luz e do movimento na escultura. Juntando ao acaso pequenos troncos de madeira, Camargo observou que a posição relativa dos troncos, a incidência da luz e o movimento do espectador criavam um mundo novo na escultura “que parece não ter fim”.

O relêvo dos relevos — Sérgio Camargo surpreendeu o Brasil em 1963 com o prêmio internacional de escultura que recebeu na Bienal de Paris. As críticas favoráveis da imprensa francesa chamaram logo a atenção de Londres e no ano seguinte ele expunha na Galeria Signals, especializada em arte de vanguarda. Com dois anos de atraso, o Brasil reconheceu o valor de Sérgio quando lhe concedeu o prêmio de melhor escultor nacional na Bienal de São Paulo, em 1965. No ano seguinte, depois de estar na representação brasileira à Bienal de Veneza, seu prestígio aumentou com exposições em Roma, Milão, Zurique, Mu-

O RELÊVO DE CAMARGO



nique e outras cidades européias. No pavilhão do Brasil em Veneza, Sérgio Camargo apresentou pela primeira vez uma nova faceta de sua escultura: abandonando os cilindros de madeira, ele começou a fazer superfícies moduladas com paralelepípedos truncados cuja conjugação funciona dos dois lados, como um muro. O maior desses muros, em concreto — com 25,00 x 3,50 x 1,00 m —, está no Palácio dos Arcos, em Brasília. “A escultura de Sérgio Camargo é absolutamente original”, diz Jayme Maurício, crítico de arte do “Correio da Manhã”, do Rio. Ele acha que este artista deu à crítica brasileira o tão esperado escultor nacional de projeção internacional. “Até então nossa crítica vivia desesperadamente agarrada ao Aleijadinho.”



A posição relativa dos cilindros, a incidência da luz e o movimento do espectador criam “um mundo sem fim para a escultura”